

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho



FORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO V — Número 1.542

Quarta-feira, 5 de Dezembro de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL
TELEFONE — 5339-C
Oficinas de Imprensa — Rua da Atalaia, 111 e 113

A CONFERÊNCIA SOCIALISTA

A Conferência Regional das organizações socialistas do sul do país foi o reflexo da apatia e do desânimo em que o partido socialista se encontra. As três rápidas sessões em que essa reunião se sub-divisionou decorreram serenas. Foram tristonhas e macambúrias a ponto de que nem as *blagues* e as diatribes de Ramada Curto e Amâncio de Alpoim contra o sindicalismo conseguiram dar-lhe animação e vida.

Na entrevista concedida a um jornal da noite o dr. Ramada Curto declarou que dentro da conferência não houve intervencionistas e anti-intervencionistas. Houve uma única corrente: a socialista. Mancera habilissima de subtilizar a falta de entusiasmo socialista que se verificou na conferência. Antes tivesse havido correntes diversas. Pior do que as correntes foi a temperatura de carapinhas em que a reunião se regolou.

Os srs. Ramada Curto e Amâncio de Alpoim vão decretar contribuir para dar ao Partido Socialista horas mais difíceis arrojando contra os sindicalistas. Custa de facto a compreender que existe a preocupação pública e partidária de marcar uma posição hostil ao movimento das massas operárias organizadas. Jaurés, o maior orador do socialismo internacional quando se referia ao sindicalismo fazia-o em frases elogiosas como estas:

“Não é a luta dum grupo em duma categoria de operários contra este ou aquele patrón; é a luta de todo o proletariado contra todo o patronato. O sentimento duma grande luta, duma grande revindicação de classe, vibra em cada luta, em cada revindicação parcial. A grande luta colectiva da classe operária, ganha forma e vida em cada assalariado, na experiência das suas próprias lutas e das lutas do grupo imediato. Estas lutas parciais adquirem toda a sua amplitude na ideia da grande luta comun. Por isso o sindicalismo, desperta nos assalariados, a energia, a iniciativa individual, o sentido das responsabilidades pessoais e imediatas; o sentido do grande esforço colectivo, o entusiasmo das grandes esperanças solidárias. O sindicalismo é a ideia e o facto, o pensamento e a ação, o presente e o futuro.”

Aos srs. Ramada Curto e Amâncio de Alpoim damos-lhe como resposta Jaurés, que foi o chefe mais prestigioso do socialismo francês e o seu maior representante no parlamento de França. Que admira que sejam contra o sindicalismo se até em oposição ao socialista moderado, que foi Jaurés, se colocam! Não residirá neste mesmo antagonismo a debilidade socialista da última reunião socialista?

Afastando-se das massas operárias com a declaração categórica do antagonismo ao seu movimento colectivo, que rumo tomará o partido socialista? Não é fácil prever, visto que dum lado se encontra o sindicalismo com a consciência dos seus métodos e dos seus fins e do outro o partido radical com as suas fúribundas declarações contra a política que serve as chamadas forças vivas.

Mesmo para se seguir um rumo bem ou mau é preciso poder caminhar. O socialismo português a amputar, como tem feito, as próprias pernas, fica logo eternamente amarrado ao rochedo solidário, eternamente batido pelas ondas. O sol de Monsanto que iluminou o partido teve o ocaso dos Bairros Sociais. Nascerá para o sistema um novo sol ou ficará solteiro sob os raios frios duma eternidade?

CAUSAS JUSTAS

Os tipógrafos dos jornais

O seu pedido de aumento de salário não pode

— nem deve ser considerado um exagero —

Os gráficos dos jornais diários resolveram reclamar das empresas jornalísticas aumento de salário. A razão dessa reclamação obedece à crescente carestia da vida, e à insuficiência dos salários percebidos nalguns jornais, onde a férias semanal não atinge uma média de 17500 diários, no trabalho de empregada.

Como se declarou a greve no jornal *Correio da Manhã*, por é-te não ter atendido as reclamações do seu pessoal, e certamente porque esta atitude seria tomada para com outras empresas jornalísticas que sistematicamente se recusam a negociar com os seus respectivos quadros, quisemos ouvir um membro da comissão pró-aumento de salário.

Dirigimo-nos à sede sindical. Esteve reunido o pessoal do jornal *O Mundo*, que resolvem definir a sua situação ante a respectiva empresa. Imediatamente um componente da comissão nos historiaria a origem do conflito e a razão das reclamações.

— Há mais dum mês — declara-nos — que os delegados dos quadros dos jornais reuniram, tendo resolvido, após várias sessões reclamar das empresas jornalísticas 50 0/0 sobre a Organização de Trabalho e Salários Mínimos.

— Esta organização vigora? — atalhámos.

— Desde 17 de Março deste ano. Analizamos os oferecimentos de algumas empresas, os quadros gráficos resolvem numa assembleia de delegados com plenos poderes que a base de transição fôsse até 30 0/0.

— E as empresas atenderam? perguntámos.

— Sim senhor! E há algumas que a percentagem que pagam ao seu pessoal atingiu 33 3/0 como seja no *Diário de Lisboa* e *A Tardé*!

— O conflito, no *Correio da Manhã* foi então...

— Declarado em virtude de não terem sido atendidas as reclamações formuladas pelo seu pessoal. Como já lhe demonstrei o nosso pedido de aumento de salário não pode ser tomado à conta dum «incomportável exigência» nem é nosso desejo «tomar a direção das empresas» on pôr as fôs as pétas se de quem fôr, como o dâ a perceber o jornal em referência numa nota publicada.

— O que deseja a classe que representa — e por isso lutará até onde lhe for — é que as suas reclamações materiais sejam atendidas. Elas não re-piedade, e um outro cujo nome é...

— Os amarelos

— No *Correio da Manhã* estão trab...

lhando trás; o encarregado da Gráfica Limitada, Eugénio Viana, Octávio da

materiais sejam atendidas. Elas não re-

Piedade, e um outro cujo nome é...

Quarta-feira, 5 de Dezembro de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

CRÓNICAS DE MELILLA

A “ARTE” DE CIVILIZAR OS POUOS REBELDES

Como um povo que possui 68 por cento de analfabetos pretende civilizar outro
Feitos «heróicos» que a História não menciona

O sentimento do povo foi afogado em sangue pela força dos financeiros; o ódio à guerra guardou-se oculto, porém, forte sempre, no coração do povo, daqueles que tinham, e tem, de dar seus filhos por uma pátria que não é a sua, mas sim a dos capitalistas. Por isso a guerra do Rif é uma guerra impopular, odiosa e odiada por todos, menos por aqueles que nela tem interesses.

Foram levados além do estreito milhares de jovens espanhóis; foi ali levada toda uma geração de homens que tinham a missão de civilizar os árabes, de ensiná-los a ler, escrever, álgebra, trigonometria, engenharia, etc., a saber roubar legal e polidamente o produto dos seus conquisitados. Segundo o dizer oficial, o flamante exército espanhol ia ao Rif levar a felicidade aos seus habitantes, enriquecê-los, ensinar-lhes normas de convivência social e de justiça, de *simo respeito à justiça*. Mas os factos são mais fortes e eloquentes do que as palavras, quase sempre levadas pelo vento.

de Civilização?? Apreciei leitores amigos:

Em uma rua de Melilla, numa das extremidades: Vêde passar os soldados, carregados como burros, sobretudo de munições e espingarda, com uma manta pelo ombro...; vão alinhados a quatro e pobramente vestidos; de entre eles não se vê nenhum que pareça professor; seus rostos são de assustados, mui diversos, com expressões de chinchaz uns, de idiotas outros, de céticos, de embrutecidos pelo excessivo trabalho e pelo álcool; são indivíduos analfabetos na sua maioria, ignorantes de tudo, sem nenhuma instrução. Não são homens superiores nem medianos, nem inferiores.

Nasceram em terras selvagens, incultas, pobres em tudo e principalmente em instrução, em terras dominadas pela padra-lada e pelos caciúcas, onde os homens desde a infância levam dura vida de miséria e de escravidão.

Esses homens vão civilizar os mouros... morrendo.

Seu passo compassado, marcial, faz que só se ouça um golpe único, surdo, quase sequeiral. São homens que vão morrer sem protestar, sem gestos galhardos, como o ódio no coração, sim; porém, obedecem.

De repente vemos um esquadrão que aparecendo de um desfiladeiro, aproxima-se a galope caminho do povoado. E' preciso acercámo-nos mais ao povoado para ver o que se passa, já estamos. A cavalaria dos espanhóis chega; os soldados levam o sabre na mão; irrompem como uma tempestade sem descer cada um de seu cavalo, com uma mão prendem a cabeleira das mulheres e com a outra, esgrimindo a acerada fôlha do sabre, lhes cortam a cabeça. Equal sorte corre as creanças de ambos os sexos; todos morrem decapitados horrivelmente.

Várias mulheres ao ver os heróis do assassinato e do saque, fugiram e fôram as únicas que escaparam com vida. Os demais moradores todos pereceram. Só uma jovem que cuidava de seu velho pai não quis fugir; era uma jovem formosa e desenvolvida uns dezeto anos.

Primeiro gosaram-a os estrelados, um depois de outros. Em

seguida os soldados continuaram gosando a mulher violada pelos seus chefes. O último que lançou seu corpo sobre o dela, depois de sentir o espasmo da voluptuosidade, cravou-lhe o sabre no ventre deixando-a sem vida.

Depois, a soldadesca lançou fogo às casas, realizando assim

um grande acto de civilização e de penetração pacífica.

E andam, andam, até aos mouros a civilisá-los a tiros, á combinação, a canhão; a arrasar-lhe os aduares e as kabilas, incendiando e matando jovens e velhos, semeados de sal o solo que antes vivenda de gente laboriosa.

E andam, andam a civilizar... os outros deixam e não lhes respondem com a espingarda e as emboscadas.

Agora, desta colina, vejam aquela vale:

Além, em baixo, há um pequeno povoado, onde os moradores passam a vida trabalhando, comendo, amando e envelhecendo por pior morisco. Os homens validos empunham as armas para defender as terras do Rif, invadidas pelos espanhóis. Em casa, quer dizer, no povoado, só ficaram os velhos que perderam a agilidade com a juventude e que não podem empunhar as armas, e as mulheres com seus filhos de menor idade.

De repente vemos um esquadrão que aparecendo de um desfiladeiro, aproxima-se a galope caminho do povoado. E' preciso acercámo-nos mais ao povoado para ver o que se passa, já estamos. A cavalaria dos espanhóis chega; os soldados levam o sabre na mão; irrompem como uma tempestade sem descer cada um de seu cavalo, com uma mão prendem a cabeleira das mulheres e com a outra, esgrimindo a acerada fôlha do sabre, lhes cortam a cabeça. Equal sorte corre as creanças de ambos os sexos; todos morrem decapitados horrivelmente.

Várias mulheres ao ver os heróis do assassinato e do saque, fugiram e fôram as únicas que escaparam com vida. Os demais moradores todos pereceram. Só uma jovem que cuidava de seu velho pai não quis fugir; era uma jovem formosa e desenvolvida uns dezeto anos.

Primeiro gosaram-a os estrelados, um depois de outros. Em

seguida os soldados continuaram gosando a mulher violada pelos seus chefes. O último que lançou seu corpo sobre o dela, depois de sentir o espasmo da voluptuosidade, cravou-lhe o sabre no ventre deixando-a sem vida.

Depois, a soldadesca lançou fogo às casas, realizando assim

um grande acto de civilização e de penetração pacífica.

Não te canses, querido leitor, lendo os meus débeis reflexos. Em pleno acampamento:

Dois soldados, invictos guerreiros, saem do acampamento armados até aos dentes caminho da fonte a buscar água com que aplacar a sede.

Chegam. Depara-se-lhes um árabe que acabava de encher seu canteiro e se retirava. Os «filhos de Espanha» insultam o homem mouro offendendo-lhe sua mãe. Este, que não é cobarde, responde-lhe na mesma moeda, e então, os soldados, com a simplicidade de degenerados, lançam-se sobre o mouro, derrubam-no e partindo uma bala de vidro negro, com o bocado mais afiado cortam-lhe cercas os testículos, deixando-o no chão a esvair-se em sangue.

A vida do acampamento: O homem a tudo se adapta. Até se acostuma às coisas mais impossíveis, especialmente se estes homens sofrerem a pressão do ambiente em que vivem. Que ninguém se assombe disto se desconhece a moral do invasor e do invadido.

Os soldados nos momentos de tranquilidade sacam do acampamento e vagueiam pelos arredores. As jovens moradoras acercam-se dêles para o ver, para pedir-lhes algo que comer, para saber notícias do invasor que possam beneficiar aos seus, aos invadidos. Os soldados fazem-lhes propostas indecentes...

E o pior do caso é que as menores eram preferidas pelos civilizadores.

E' essa a civilização dos espanhóis em África, como a dos ingleses, dos franceses, dos americanos, dos portugueses, nas chamadas «sus possessões». E' esse o mandato dos financeiros, o resultado de idéias as guerras. Nem pode ser outro.

Espanha, aí, pode civilizar ninguém, não pode ter essas pretensões porque é um país onde os analfabetos alcançam 68 por cento, e os 32 por cento restantes ainda fica uma boa parte que não sabe pegar na pena para escrever umas linhas.

Melilla, Novembro de 1923.

Huna KARDIN

“Solidaridad Obrera”

O diário sindicalista espanhol voltou a publicar-se

Em Espanha as perseguições aos sindicalistas, aos anarquistas, a comunista e a tudo que seja evitado das modernas correntes revolucionárias intensificaram-se sob o predominio do exército e do clérigo espanhol que é Primo de Rivera. «Este é mi Mussolini», disse Afonso XIII ao Mussolini do rei Vitor Manuel. Primo de Rivera, general de recepções e de jantares no palácio, círculo dos que voltaram com oportunidade rápidas as costas aos marroquinos, quer com a sua espada ferrugenta e sua coragem de trazer pelo palácio do Oriente, o Mussolini para gáudio de conservadores de arena que berram nas lutas da sua entusiasmo a bater no peito dentro das igrejas o seu beatismo religioso, anseando por uma idade média com salada trágica de circos românticos.

Se existe diferença entre o homem e o macaco não é evidentemente também entre Rivera e Mussolini. O que niste é óbvio é naquele esgar.

Manda em Espanha como senhores os que fugiram de Marrocos como covardes.

presentam um exagero. Os ofícios que temos em nosso poder dessa empresa, assim como doutras, reconhecemos-nos toda a razão e justiça, não contestando as reclamações. O agravamento constante da vida força-nos a recorrer aos meios extremos. A percentagem pedida é como vulgarmente se diz: «uma gota de água no Oceano». E' mais um quilo de peixe no lago.

— Estante com a percentagem de 30 % os salários elevam-se a quanto? — inquirimos.

— Nos periódicos onde o regime de trabalho é a jornal, os salários ficam em 1950 e 2250, respectivamente diurno e nocturno. Naqueles cujo regime de trabalho é de empregada é mais difícil a um tipógrafo atingir a média do trabalho a jornal. A não ser com «boas-companhias» ou razoáveis dias de «caixa».

— Iá, nalguns jornais, e neste número está o *Mundo*, em que o pessoal atinge uma férias superior devido às horas de excesso.

— O pessoal não deseja horas de excesso. Quere nas horas determinadas por lei, ganhar o suficiente para viver e alimentar a sua prole. Porque entende que as horas de trabalho de excesso são prejudiciais à sua saúde. Essas duas horas de trabalho representam uma hora de distribuição a mais que tem que fazer.

— Porque não é igual o regime de trabalho em todos os jornais?

— Excelente! Se a demora das empresas em atender os seus quadros se fizer prolongar, é provável que se proceda a um rateio de trabalho entre os quadros.

<p

A' BOA PAZ

A questão internacional

Recordam-se episódios interessantes da I Internacional que muito elucidam no momento actual

Vizinhos eu no artigo anterior que as lutas a que hoje se assiste, o choque que se observa no seio do proletariado internacional entre diferentes correntes socialistas nada mais é que a renovação das lutas havidas no seio da primeira Internacional, do mesmo modo que a concepção comunista do Estado, que ora nos apresentam como determinada pelas necessidades presentes da Revolução, tem já uma idéa respeitável, anterior à velha Internacional, como já se constatou.

Muito de fugida vou rememorar vários factos sucedidos no seio daquele glorioso organismo e que em muito contribuíram para a sua queda; os que hoje se observam, e que contribuem consideravelmente para a divergência de critérios, autoritário e libertário, no movimento social revolucionário, são a repercussão derivada de idênticas motivações.

Tenho presente os considerandos e estatuto da velha Internacional, tal como foram aprovados no congresso de Genebra, Setembro de 1866. São longos e não transcrevo aqui para não tornar mais pesado e fastidioso este já longo trabalho.

Reputo, todavia, necessário o seu conhecimento integral para melhor se poder avaliar do procedimento bávado por Marx e seus partidários — os comunistas do Estado, os mesmos que tendo abandonado a designação de «comunistas», trocaram-na pela de «colectivistas» — relembrado agora, parece que com o fim de se confundirem com os «comunistas-anarquistas» e mais facilmente estabeleceram uma confusão propícia aos seus designios de ditadores políticos.

* * *

Numa grande Associação, como a I Internacional, onde, demais a mais, se reuniram os pensadores socialistas mais profundos e categorizados, o embate dos principios e das ideias deveria conduzir ao estabelecimento de correntes diversas e extremadas sobre as mais variadas questões que à discussão se apresentavam.

Nas questões fundamentais — a autoridade, a propriedade e a moral-tradicional e reinantes, a crítica era mais ou menos uniforme por parte de todos, mas o mesmo não sucedeu quanto às soluções achadas para resolver aquelas questões, uma vez que cada um as fundamentava em pontos teóricos ou experimentalmente diferentes.

O antagonismo nasceu sobretudo da circunstância de uns partirem de concepções autoritárias, estatais, centralistas enquanto que outros orientavam-se por concepções autonomistas, libertárias e federalistas.

Marx e os seus, eivados do espírito centralizador e ditatorial, pretendiam fazer vingar os seus pontos de vista políticos. No Congresso da Basileia, 1869, depois dum extraordinário embate de opiniões, sobre os meios reformistas e os principios autoritários, consubstanciados em documentos dos partidários de Marx, acentuou-se o ódio destes contra os anti-autoritários federalistas, por não os terem aprovado, e preconizaram pelo contrário, a abolição do direito de propriedade particular, a destruição de todos as formas de Estado-governo, e os meios parlamentares e reformistas.

Tanto bastou para que surgissem a conspiração e a ditadura. Por virtude da guerra franco-prussiana a Internacional não se reuniu em congresso em 1870-71. Mas Marx e os do Conselho Geral promovem uma Conferência depois da guerra, em Setembro de 1871, na qual tomaram parte só afieiros seus, tendo aprovado, contra o espírito da Grande Associação, uma resolução profundamente autoritária, segundo a qual o proletariado deveria constituir-se em partido político distinto para a conquista do poder, devendo lutar para aquela fim o seu movimento económico.

Esta subordinação era, de resto, o pensamento de Marx ao fundar-se a Associação Internacional dos Trabalhadores, pensamento que havia sido contrariado com a aprovação dos estatutos básicos daquela Associação no Congresso de 1869, cujo espírito foi atropelado naquela Conferência.

O gesto «marxista» do Conselho Geral de Londres provocou vivos protestos de Federações e Secções das mais valiosas. A Conferência de Rimini, depois dum energético protesto da Federação Italiana romperia toda a solidariedade com o Conselho Geral de Londres, afirmado a sua absoluta solidariedade económica com todos os trabalhadores.

14 dias depois o Congresso da Federação de Jura recomendava aos seus delegados que a representavam no Congresso Internacional de Haia, 1872, que se aliasssem «com todos os delegados que protestem abertamente contra os principios autoritários»; que abandonassem aquele Congresso se o mesmo se recusasse a aceitar os delegados dos organismos espanhóis, italianos, franceses, etc., que já haviam formulado energética repulsa contra a realização da Conferência de Londres e contra as suas decisões arbitrárias e ditatoriais; deveriam proceder do mesmo modo, de acordo com as federações anti-autoritárias, se o Congresso não aceitasse como base de organização da Internacional o federalismo e princípio de autonomia das Secções, e Federações e a liberdade de criarem todos os órgãos de que carecessem para o exercício da ação.

Mas as ideias da Federação do Jura estão melhor expressas numa circular da comissão do seu Congresso de Sanviller convocado e realizado já em Novembro de 1871 para protestar contra a ditadura do Conselho Geral, e que não resistem à transcrição, neste momento oportuno:

«Queremos conservar na Internacional o princípio da autonomia das Secções, que tem sido até ao presente a base da nossa Associação; queremos que o Conselho Geral, cujas atribuições foram desmobilizadas no Congresso da Basileia, entre no seu papel normal, que é o de simples ofício de correspondência e es-

tafaria.

«Recordam-se episódios interessantes da I Internacional que muito elucidam no momento actual

que se realizou a

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

assembleia geral que se realiza a

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

sobre os trabalhos a apresentar à

reunião de 21 horas para delibera-

